Soka Gakkai Internacional

SGI Quarterly

Um fórum budista pela paz, cultura e educação

Número 84 | **Abril 2016**

Nesta edição

Examinar a fonte *Ryan Meili* **Cumprir a lei, e não fazer a guerra!** *Benjamin Ferencz*
Determinada a viver *Jharna Narang*

A *SGI Quarterly* reúne vozes de uma série de indivíduos e grupos que exploram respostas criativas para os desafios comuns do nosso tempo.

O *Fórum* tem como objetivo gerar diálogo e interesse em temas relacionados com a construção de uma cultura de paz e de estimular uma rede crescente de cidadãos globais ativos para a melhoria da sociedade. Para ver o arquivo das edições anteriores e participar com a sua opinião, visite *Common Threads*, uma página no Tumblr criada pela Soka Gakkai Internacional (SGI), em commonthreads.sgi.org.

Em Foco destaca as atividades das organizações da SGI e instituições afiliadas ao redor do mundo; Pessoas e *Perspectivas* apresenta histórias e reflexões sobre a visão budista da vida; e *Budismo na Vida Diária* explora princípios budistas e sua aplicação à vida moderna.

As opiniões expressas nesta revista não são necessariamente as da SGI. A solicitação para reimpressão de qualquer texto da revista ou do Common Threads deve ser encaminhada para o e-mail: quarterly@sgi.org. Esta edição e as anteriores podem ser baixadas do site da SGI: www.sgi.org.

"Sistemas de saúde universais com bons recursos podem ser um elemento estabilizador tanto na prevenção como na resposta à violência."
Ryan Meili
02

06

"De alguma forma eu fui capaz de acreditar em mim. Sim. Eu vou conseguir! Eu vou viver!""
Jharna Narang
20

23

Edição editorial:

Anthony George
Azumi Tamae
Margaret Sutherland
Marisa Stenson
Michael Salsbury
Motoki Kawamorita
Richard Walker
Sonal Malkani
Yoshiko Matsumoto
Yoshiko Ogushi
Yoshinori Miyagawa

Edição em português:

Coordenação:
Divisão de Relações Públicas da BSGI

Colaboradores:
Aline Carolina Omai de Mello
Ana Cristina Lopes
Celi Yuri Shimabukuro Saito
Fernanda de Castro Caetano
Flávia de Araújo Sapienza
Henrique Kubota
Juliana Kazue Nakasaki
Laura Martins
Luci Goshima da Costa
Luana Miranda
Maria Alice da Costa
Mariana Watanabe
Marta Gomes da Silva
Michele Carla da Silva Caramigo
Mônica Kimura
Núbia dos Santos
Priscila Pommerening Kajita
Renata Pereira Miranda
Rosangela Aparecida Arruda
Silvana Vicente
Solange Tobaja Aidar
Sonia Sanae Morita Marcello da Silva
Tabata Mayumi Yamada
Talita Gomes de Santana Marcitelli
Vivian de Oliveira

Publicado pela Soka Gakkai Internacional
Direção de Arte & Design: Modis Design

© 2016 Soka Gakkai Internacional
Todos os direitos reservados.

Impresso no Brasil.

Créditos das fotos: (acima) Thomas Hawk CC BY-NC; *(abaixo)* Marilyn Humphries

Índice

Fórum

02 **Examinar a Fonte — por uma Sociedade mais Saudável**
Ryan Meili

06 **Cumprir a Lei, e Não Fazer a Guerra!**
Benjamin Ferencz

10 **Repensando a Educação: Vozes do Passado, Presente e Futuro**
Vivek Vellanki

14 **A Energia do Compromisso**
Entrevista com Haneen Khalid

17 **A Coragem da Aplicação**
Daisaku Ikeda

Pessoas e Perspectivas

20 **Determinada a Viver**
Entrevista com Jharna Narang, Índia

Em Foco

23 **Prática da Dignidade**
Mitch Bogen, Centro Ikeda para a Paz, a Aprendizagem e o Diálogo

Budismo na Vida Diária

27 **O Significado do Nam-myoho-renge-kyo**

BSGI em Foco

29 **Histórias protagonistas**

Examinar a fonte — por uma sociedade mais saudável

Ryan Meili

A paz é frequentemente esquecida quando se discute os determinantes sociais da saúde. ***Ryan Meili*** *fala sobre a necessidade de trabalhar para estabelecer as condições de paz a fim de garantir a saúde e sobre o poder de conectar as histórias de pessoas reais para a discussão política mais ampla em torno dos planos de ações políticas.*

Imagine por um momento que esteja em pé às margens de um rio de rápida correnteza. De repente, você observa e vê uma criança pequena lutando para se manter boiando. Sem pensar duas vezes, você mergulha, nada e leva a criança para a margem. É um momento incrível — salvou uma vida e devia se sentir muito orgulhoso.

Mas, antes mesmo de ter tempo para se secar, você olha novamente e percebe que há outra criança boiando rio abaixo. Então, nada e a resgata também. Em seguida, outra criança deriva à vista, e outra e outra. Você chama ajuda, recrutando todo mundo para vir e tirar as crianças para fora do rio. Em meio ao pânico e à urgência, tomara que alguém pare por um momento e faça uma pergunta crucial: "Quem continua a lançar essas crianças no rio?". E eles irão rio acima para descobrir.

Sistemas de saúde universais com bons recursos podem ser um elemento estabilizador tanto na prevenção como na resposta à violência.

Essa é uma história clássica de saúde pública, geralmente usada para mostrar a diferença entre uma abordagem reativa, aquela baseada no tratamento para a saúde e a que visa prevenir a doença antes que ela aconteça. A metáfora do rio pode ser subdividida em vários níveis de tratamento e prevenção.

Médicos e hospitais, enfermeiros e farmácias: estes são exemplos de reação para os problemas de saúde rio abaixo — essenciais, mas reativos. Uma abordagem no meio do ciclo que pode focar em comportamentos individuais, como tabagismo, dieta e exercício. Estes também são muito importantes, porém podem ser o ponto em que os esforços de prevenção são interrompidos. Há uma tendência de olhar somente para as causas comportamentais diretas da doença e evitar a pergunta mais difícil, enfatizando o que são muitas vezes referidas como as "causas das causas".

A fim de pensarmos e agirmos rio acima, precisamos entender os fatores com maior influência sobre os resultados na saúde. Renda, educação, emprego, habitação, segurança alimentar e meio ambiente — esses "determinantes sociais da saúde" são as causas geradoras da doença, e qualquer esforço sério para melhorar o nosso bem-estar como nações, comunidades e indivíduos precisa focar na criação de condições para uma boa saúde.

A analogia rio acima, baseada em narrativas, ajuda a visualizar essas diferentes etapas de esforços para melhorar os resultados de saúde e para ressaltar a necessidade de ação sistêmica além do que é tradicionalmente incluso nos serviços de saúde ou na promoção desta.

Uma história humana

Em 2 de setembro de 2015, foi publicada uma foto que chamou a atenção do mundo. Era a do corpo de Alan Kurdi, um refugiado sírio de 3 anos que, junto com a mãe e o irmão, morreu afogado no largo da costa da Turquia. Aqui está uma criança real que não foi puxada para fora da água a tempo, e seu trágico fim traz uma nova urgência para a analogia rio acima. Sua história mostra o poder da conexão humana para efetuar a mudança social. Um vasto problema — um conto de anos de conflitos violentos e centenas de milhares de pessoas fugindo de casa — tornou-se pessoal a ponto de motivar a ação no mundo inteiro em apoio aos refugiados sírios.

▲ Reemas Al Abdullah, de 5 anos, recebe um abraço do pai antes de um jantar oferecido pelos Amigos da Síria, na Autoridade Portuária de Toronto

A história da família Kurdi, junto com o sofrimento de tantos outros que ainda lutam para encontrar segurança, obriga-nos a, mais uma vez, pensar profundamente sobre como prevenir e mitigar esses riscos para a saúde e o bem-estar. Perigos para a saúde e a segurança dos imigrantes e refugiados começam em seu país de origem, aumentam durante a migração e, muitas vezes, persistem após a chegada ao país de acolhimento. A fim de melhorar a saúde e o bem-estar das pessoas do mundo, precisamos concentrar nossos esforços na criação de condições de saúde. Isto significa trabalhar pela paz, respondendo apropriada e rapidamente quando ocorrem conflitos violentos, assegurar um ambiente de apoio acolhedor e seguro.

Via de mão dupla

Em 1986, o Canadá hospedou a Conferência da Organização Mundial da Saúde que levou à Carta de Ottawa para a Promoção da Saúde, na qual "paz, abrigo, educação, alimentação, renda, ecossistema estável, recursos sustentáveis, justiça social e equidade" foram listados como pré-requisitos essenciais para a saúde. A paz é frequentemente esquecida quando discutimos determinantes sociais da saúde, talvez porque o foco tende a ser sobre a mudança na política interna. Mas, quando se considera a ausência de paz e a morte resultante da falta dela, o prejuízo ou deslocamento de grandes parcelas da população, o perigo para a saúde de todos em uma sociedade se torna claro.

Além disso, a relação entre a paz e a saúde não é unidirecional; é menos provável uma sociedade saudável encontrar-se em conflitos. As mesmas condições que levam a níveis mais elevados de doença — desigualdade econômica, insegurança alimentar e trabalho escravo — podem também levar à instabilidade política perigosa. Em contrapartida, os resultados obtidos pelo movimento Paz por meio da Saúde demonstraram que iniciativas de saúde humanitária podem servir de ponte para a resolução pacífica de conflitos. Sistemas de saúde universais com bons recursos podem ser um elemento estabilizador tanto na prevenção como na resposta à violência.

Quando as pessoas precisam deixar a sua casa em busca de refúgio, um novo conjunto de desafios surge. Alojamento improvisado, nutrição inadequada e altos níveis de estresse que caracterizam os campos de refugiados aumentam a suscetibilidade a doenças infecciosas que prosperam em condições de superlotação. Para aqueles que deixam os campos com esforços para migrar, há novos perigos na forma de passagens traiçoeiras e traficantes de seres humanos sem escrúpulos.

Crédito da foto: © Bernard Weil/Getty Images

Filhos de uma família de refugiados esperam para ser vacinados em uma unidade de saúde pública em Berlim

Mesmo quando as pessoas conseguem chegar a um país de acolhimento, a experiência da migração e da marginalização significa que elas estão mais propensas a sofrer vários tipos de doenças, tanto físicas quanto mentais. Portanto, um dos suportes fundamentais para os recém-chegados são os cuidados médicos adequados.

Meu país de origem, o Canadá, tem a reputação de um país acolhedor para refugiados. Um elemento dessa ação tem sido a prestação de amplo apoio à saúde. Nos últimos cinquenta anos, os refugiados que chegam aqui no Canadá recebem acesso aos serviços de saúde, incluindo a cobertura de cuidados odontológicos, optometria e prescrições de medicamentos.

Em 2012, no entanto, o governo federal fez cortes radicais nessa cobertura, reduzindo drasticamente os serviços para todos os refugiados e eliminou completamente os serviços de saúde para certas categorias, exceto nos casos de riscos para a saúde pública. Isso significou que um refugiado com tuberculose podia receber tratamento, mas não um com diabetes ou o que estava tendo ataque cardíaco ou aquele que necessitasse de cuidados pré-natal. Essa abordagem não só é indelicada, como também é indesejável; é algo que carece de sabedoria, pois o acesso tardio aos cuidados tem como consequência, no final, os piores resultados, um risco público maior e, assim, custos mais elevados.

A construção de uma sociedade mais saudável

Além de cuidados de saúde, os refugiados precisam de apoio na aprendizagem de uma nova língua e cultura, na obtenção das habilidades para encontrar um emprego ou buscar educação, e ter acesso a alimentos nutritivos e moradia segura e estável. Estas são as mesmas coisas que todos nós precisamos para sermos saudáveis, mas que podem ser um desafio para alguém recém-chegado a uma terra estranha, depois de uma experiência muito difícil. Tratar desses determinantes sociais da saúde podem fazer a diferença entre lutar com a doença e disfunção social ou prosperar e contribuir para uma sociedade mais saudável.

É essa ideia de construir uma sociedade mais saudável que levou ao desenvolvimento da Upstream (Rio Acima). Essa organização canadense, iniciada em 2013, tem como finalidade apresentar uma nova maneira de falar de política com foco na saúde. A saúde é uma preocupação que atravessa linhas políticas e diz respeito a todos.

A Upstream trabalha com dois ingredientes-chave: evidências e história. Nós reunimos os fatos relacionados às decisões políticas que podem ter maior impacto no aumento dos resultados na saúde. Então, compartilhamos histórias por meio

Crédito da foto: © Kay Nietfeld/AFP/Getty Images

▲ Canadenses acolhem refugiados sírios em Toronto com sacolas de presentes preparados por um grupo local que foram adicionados às sacolas daqueles que vieram cumprimentar os recém-chegados (dezembro de 2015)

das mídias sociais, editoriais e outras comunicações públicas. Essas histórias são dirigidas ao público em geral, bem como aos líderes políticos que têm capacidade para mudar o sistema. Isso nos ajuda a construir um público e uma comunidade de indivíduos e organizações que utilizam a linguagem "Upstream" e pensam na abordagem aos desafios sociais.

Nós nos concentramos em histórias porque todos os fatos do mundo não significam nada se eles não estão conectados ao sentimento. Assim como a história de Alan Kurdi trouxe a crise dos refugiados sírios à tona, histórias e imagens que ligam as histórias de pacientes reais para a conversação política podem ajudar a guiar a mudança para termos mais saúde. Esse tipo de esforço de reformulação é necessário, se quisermos que o leito do rio volte a atenção para a sua nascente, abrindo espaço para discutir as políticas que poderiam fazer diferenças verdadeiras na desigualdade de renda, no acesso à educação de qualidade e na habitação a preços acessíveis, e ajudar a manter a integridade ambiental suficiente para salvaguardar a vida humana. Isto é o necessário para melhorar as condições de vida das populações marginalizadas, como os refugiados e os povos indígenas. É também o que irá melhorar a saúde de todas as pessoas, diminuir o custo das intervenções sociais e levar, em última instância, a uma existência mais saudável e mais pacífica.

Ryan Meili, diretor fundador da Upstream, é médico de família, autor e professor assistente na Faculdade de Medicina da Universidade de Saskatchewan, Canadá, onde atua como chefe da Divisão de Responsabilidade Social, diretor da Making the Links Certificate in Global Health e colíder do Empreendimento de Pesquisa sobre HIV/Aids da Saskatchewan. Também é vice-presidente de Médicos Canadenses da Medicare. Para mais informações sobre Upstream, visite www.thinkupstream.net.

Crédito da foto: © Steve Russell/Getty Images

▲ Benjamin Ferencz na sala de audiências do Palácio de Justiça de Nuremberg, Alemanha, onde os julgamentos de Nuremberg foram realizados

Crédito da foto: Adam Jones, Ph.D./Wikimedia Commons CC BY-SA

Cumprir a lei, e não fazer a guerra!
Criando um mundo de paz e tolerância

Benjamin Ferencz

Benjamin Ferencz *tinha apenas 27 anos quando foi nomeado promotor-chefe em um dos julgamentos de Nuremberg. Conduzidos no final da Segunda Guerra Mundial, os processos julgaram líderes nazistas para que respondessem por crimes de guerra e crimes contra a humanidade. Hoje, aos 95 anos, o Sr. Ferencz é o único promotor de Nuremberg que está vivo.*

Durante a guerra, ele serviu no exército dos Estados Unidos na Europa. Como estudou direito em Harvard por meio de uma bolsa de estudos, foi recrutado para se juntar à Divisão de Crimes de Guerra do exército, uma vez que o combate chegava ao fim. Nessa posição, testemunhou em primeira mão as atrocidades dos campos de concentração.

"Nuremberg me ensinou", escreveu o Sr. Ferencz, "que a criação de um mundo de tolerância e compaixão seria uma tarefa longa e árdua. Também aprendi que, se nós não nos dedicarmos ao desenvolvimento de uma lei eficaz em nível mundial, a mesma mentalidade cruel que tornou possível o Holocausto poderia um dia destruir toda a raça humana". Depois de Nuremberg, ele foi um dos responsáveis pela criação do Tribunal Penal Internacional (TPI), em 1998.

Suas observações aqui foram editadas de um diálogo com os funcionários do Centro Ikeda para a Paz, a Aprendizagem e o Diálogo, em 30 de abril de 2015, em Cambridge, Massachusetts.

O Tribunal Penal Internacional (TPI) pode ter sucesso?

Quais são os desafios para o sucesso do TPI? São enormes, simplesmente porque muitas pessoas não acreditam no Estado de Direito. E são pessoas boas e perfeitamente inteligentes. A América é uma grande democracia e é inevitável que haja pessoas nos Estados Unidos com opiniões diferentes, e assim deveria ser. As opiniões merecem ser respeitadas. O que não significa que tenha de concordar com elas.

Mas aqueles que não querem um TPI sentem que a única coisa que realmente importa, em última análise, é o poder, e que criar uma instituição terceira para resolver disputas ou para decidir se o que você está fazendo é legal ou ilegal não é algo que estão dispostos a aceitar. Eles acham que não temos experiência com isso, que pode ser suscetível à corrupção, tendencioso, politicamente motivado e assim por diante, e, portanto, devemos apenas confiar no sistema antigo. Este é o ponto de vista deles, e, como eu sempre falo, deve ser considerado. Não compartilho desse ponto de vista.

Conversem com as pessoas, convençam-nas, apontem essas coisas para elas e continuem a falar com elas, porque uma vez não é suficiente.

Pelo contrário, acredito que este seja um ponto de vista muito perigoso por diversas razões. Em primeiro lugar por ser baseado em uma cultura e tradição de mil anos que glorificou a realização de guerra. Pode ter sido glorioso para o [Rei Arthur] tirar a Excalibur da rocha e lutar contra o inimigo ou para Davi jogar uma pedra em Golias. Mas estamos em um mundo diferente agora.

Mudança de corações e mentes

No nosso sistema atual, se dois chefes de Estado ou líderes de grupos divergentes não chegam a um acordo, o que eles fazem é levar jovens para matar outros jovens, pessoas que eles nem sequer conhecem, que não lhes causaram nenhum dano, e que podem nunca ter prejudicado alguém — e começam a matar uns aos outros. E quando se cansam de matar uns aos outros, eles param. Cada um declara vitória, embora quem conquiste a vitória, além da Morte, eu não sei, e eles descansam um pouco, e então voltam e começam a matar uns aos outros novamente.

Esse é o sistema atual. E dizem que sou louco? Não, não sou louco; eles é que são os loucos. Não estou preocupado comigo. Tenho sido um combatente e recebi cinco estrelas na luta por ter sobrevivido a todas as grandes batalhas na Segunda Guerra Mundial na Europa, e sei o que é a guerra. Tenho 95 anos agora e não estou preocupado com o meu bem-estar, mas sim com o bem-estar dos jovens, cujo futuro está em jogo.

Há sempre diferenças de opinião. Mas a razão tem de prevalecer sobre o poder. As pessoas devem entender que é impossível retornar a um mundo onde matar uns aos outros seja uma forma de resolver os litígios.

Não podemos continuar nesse caminho porque vai ficando pior ao longo do tempo, no sentido de ser mais caro; mais dinheiro é gasto em armamentos inúteis que não podemos usar. A glorificação contínua do poder em vez da razão, esse é o motivo pelo qual é tão importante ter organizações como o Centro Ikeda e a Soka Gakkai e outros grupos budistas e os não budistas, que creem na tolerância, na compaixão, no compromisso e na compreensão, pois essa é a maneira como o mundo tem de seguir para sobreviver.

Isso requer, principalmente, uma mudança no coração e no espírito, uma vontade de reconhecer que todos os seres humanos têm o direito de viver dignamente como ser humano e em paz, independentemente de sua raça, credo, religião, nacionalidade ou qualquer outra coisa. Este é um direito do ser humano, aquilo que nos distingue dos animais selvagens. Vai levar um longo tempo para doutrinar, mas, em meu julgamento, é inevitável que esse tempo chegue, porque tenho visto, ao longo da minha vida, o despertar da consciência humana.

O impossível é possível

Quando comecei a estudar direito na Universidade Harvard, em Cambridge, não existiam mulheres nem mesmo no dormitório de estudante do sexo masculino, porque eles seriam expulsos por uma coisa tão terrível e ignorante como ter uma mulher vindo em um dormitório masculino. Esta noite vou jantar com a decana da Faculdade de Direito de Harvard. É uma moça, assim como sua predecessora, que agora se encontra na Suprema Corte dos Estados Unidos. Então, não me diga que as coisas não podem mudar. Coisas que eram consideradas impossíveis quando comecei tornaram-se não só possíveis; elas se tornaram realidade hoje.

Razão acima do poder

Nossa tarefa exige trabalho em todos os níveis. No nível jurídico, é preciso deixar claro que o uso ilegal da força armada é uma violação à Carta das Nações Unidas, o que significa que, se não for por autodefesa nem aprovado pelo Conselho de Segurança, é um crime para o qual o autor será responsabilizado, e ele pode ser capturado em qualquer lugar do mundo. Atos puníveis pelo TPI, que tem um dispositivo que proíbe atos desumanos, como estupro, tortura e outras coisas, também deveriam incluir o uso ilegal da força armada.

Há sempre diferenças de opinião. Mas a razão tem de prevalecer sobre o poder. As pessoas devem entender que é impossível retornar a um mundo onde matar uns aos outros seja uma forma de resolver os litígios. Portanto, temos de reeducar e mudar corações e mentes. Conversem com as pessoas, convençam-nas, apontem essas coisas para elas e continuem a falar com elas, porque uma vez não é suficiente. Elas precisam ver por si mesmas. Devem sentir isso por si mesmas.

Elas têm de pensar em seus filhos, mesmo aqueles que ainda não nasceram, para que criem um mundo mais humano. E acredito que inevitavelmente ele virá. Talvez elas devam sofrer um pouco mais antes de perceberem. Penso que as pessoas aprendem mais com o sofrimento do que com a razão. Mas acho que todos que estão envolvidos em uma guerra pelo mundo inteiro, e que são vítimas inocentes de disputas que elas sequer entendem, já devem ter sofrido o suficiente.

E podemos espalhar a palavra por intermédio de instituições como esta, por palestras como a que estou lhes oferecendo agora na esperança de que vocês divulguem essas informações.

Nunca desista!

Sempre dou às pessoas três conselhos — um: nunca desista; dois: nunca desista; três: nunca desista. E, também, nunca desista de ter esperança. Porque a esperança é o motor que impulsiona esforço humano. E se você não desistir, e continuar a acreditar, cada pouquinho conta. Venho empurrando essa pedra colina acima. Sei que não verei o topo da colina, sei disso. Posso ser louco, mas não sou estúpido. Empurro a pedra um pouco mais morro acima, sabendo que haverá momentos em que perderei, e ela escorregará para trás. Isso acontece também. Pegue a pedra e continue a empurrá-la. E se houver número suficiente de pessoas que continuam a empurrá-la por tempo suficiente, vamos chegar ao topo da montanha. Martin Luther King disse: "Eu vi o topo da montanha". O topo da montanha está lá. É sensato, e acredito que a inteligência humana vai, no longo prazo, prevalecer.

Então, não se desespere, basta fazer o melhor que puder. Esta tem sido a minha filosofia, faço o melhor que posso, não quero nada em troca. Quero satisfazer a minha própria consciência e meu próprio sentimento, talvez inspirado pelos horrores que vi pessoalmente, fazendo o que posso para tornar o mundo mais humano. Se souber que eu fiz o meu melhor, não posso pedir mais nada. Morro em paz.

Cumprir a lei, e não fazer a guerra!

Basta fazer o seu melhor, isto é tudo. Todo mundo tem papel a desempenhar, todo mundo. Conversem com os amigos, conversem com os pais, conversem o namorado, conversem com a namorada, conversem com os inimigos, converse com qualquer pessoa. Este é o ponto. Uma frase, uma frase; isto é tudo o que você tem de lembrar: Cumprir a lei, e não fazer a guerra.

Leia o texto na íntegra em: www.ikedacenter.org/thinkers-themes/thinkers/interviews/ferencz.

Crédito da foto: Thomas Hawk CC BY-NC

Repensando a educação
Vozes do passado, presente e futuro

Vivek Vellanki

Exemplos de educadores pioneiros podem nos ajudar a repensar o propósito da educação e garantir que as salas de aula sejam locais em que a visão de uma sociedade justa começa a se estabelecer, escreve ***Vivek Vellanki****.*

No final da década de 1840, na Índia, um jovem casal, Savitribai e Jotirao Phule, desafiou todas as probabilidades de fundar uma escola para meninas. Ao fazê-lo, enquanto Jotirao se indispôs com o próprio pai e teve de sair de casa, Savitribai sofreu ameaças de homens enraivecidos em seu caminho de ida e volta da escola todos os dias. O pai de Jotirao estava apenas refletindo a visão mantida pela sociedade.

A sociedade sentia-se ofendida pelos esforços deles por duas razões. Primeira, já que Jotirao era de uma "casta inferior", sua busca por educação não era bem-vinda. Além disso, era completamente inaceitável que, junto com Savitribai, ele tentasse espalhar a educação dentro das "castas inferiores" e entre as mulheres. Segunda, ao assumir o papel de professora e de figura pública, Savitribai quebrou os códigos patriarcais que amarram a mulher ao lar. Nenhuma dessas razões deteve o jovem casal. De fato, seus esforços formariam a base dos esforços futuros para espalhar a educação entre as mulheres e Dalits.

Crédito da foto: Pippa Ranger/Department for International Development CC BY-SA

Na mesma época, na outra metade do mundo, uma luta similar estava sendo travada nos Estados Unidos. No início do século 19, leis foram promulgadas nos estados sulistas tornando crime ensinar crianças escravizadas a ler ou escrever. A partir de 1830, Jane Deveaux, uma mulher negra na Geórgia, coordenou uma escola escondida do regime escravo. Embora ela tenha obtido sucesso em promover seus esforços depois da guerra civil, a educação de ex-escravos e afro-americanos continuou a ser contestada ao longo do século. Escrevendo sobre esses esforços nos Estados Unidos, W. E. B. Du Bois nos lembra de uma faceta muito importante da história educacional: "Educação pública para todos com fundos públicos foi, no Sul, uma ideia de negro".

Colocando nosso ouvido no chão

Mais de um século depois, o legado educacional de Deveaux, Savitribai e Jotirao continua a nos escapar. Esses indivíduos e muitos outros como eles são eminentes antepassados da educação para a justiça social. Nós devemos aprender sobre eles e invocá-los se vamos reimaginar a prática pedagógica e repensar o propósito da educação. Enquanto a primeira impressão é a existência de um diálogo intenso sobre reforma educacional, esforços no sentido de executar "reais mudanças" são vazios. Para muitas crianças na escola, o tempo é dedicado a aprender conceitos que estão muito distantes das próprias necessidades e experiências. Salas de aula se tornaram espaços de tédio e pessimismo. Ao mesmo tempo, professores são confrontados com um currículo estritamente controlado, maior vigilância de seu trabalho e medidas punitivas que asseguram sua adesão ao currículo prescrito.

Um dos aspectos mais cruciais que enfatiza essa tentativa no sentido de repensar a educação é a disposição de abrir a sala de aula e trazer a sociedade para ela.

Apesar de todos esses obstáculos, as salas de aulas continuam a ser espaços onde podemos sonhar coletivamente com uma sociedade justa. Para realizar esses sonhos, entretanto, temos de alterar radicalmente nossas noções de educação e práticas pedagógicas. Embora essa missão possa parecer desencorajadora, existe certo consolo ao se perceber que vários professores, do passado e atuais, por todo o mundo, tiveram sucesso em seus esforços em tal espaço.

Parte do esforço de realinhar nossas escolas e salas de aula na direção da justiça social envolve pôr em primeiro plano as histórias desses professores (passado e presente) e seus esforços coletivos para criar escolas que recebem a todos.

Educação com "Trutiya Ratna"

Atualmente, "educação para todos" tem sido repetida *ad nauseam*, proclamada como uma verdade evidente que permaneceu sem mudanças pela história. Entretanto, as duas narrativas discutidas elucidam que a educação tem sido o terreno em que esforços políticos, culturais e sociais têm sido forçados e travados. Em sua peça em língua marata, *Trutiya Ratna* (O Terceiro Olho), Jotirao Phule explora maneiras em que práticas religiosas e socioculturais interagem com a educação para proporcionar mais poder aos grupos dominantes. Mas Phule não para por aí. Para ele, reimaginar a educação como "Trutiya Ratna" requer o fortalecimento das pessoas para que usem seu terceiro olho, o que permite novos modos de percepção para entender ou analisar a

Busto de Jyotirao e Savitribai Phule em Pune, Índia

Crédito da foto: SAMREENSHAIKH CC BY-SA

sociedade. Como Sharmila Rege escreve em seu trabalho sobre a pedagogia feminista Phule-Ambedkarite, essa visão educacional prática abre "possibilidades para permitir aos oprimidos entender e transformar a relação entre poder e conhecimento".

Não existe melhor prova do poder de transformação dessa prática educacional do que a redação de Mukta Salve, de 14 anos, que estudou na escola fundada por Savitribai e Jotirao. Escrevendo com profunda autoconsciência, ela ataca os impedimentos do sistema de castas na Índia do século 19 e demonstra como a busca por educação com "Trutiya Ratna" capacita uma pessoa a questionar o poder, o conhecimento e práticas sociais. Ela pergunta: "O coração desumano desses brâmanes, que andam pomposamente em suas chamadas roupas sagradas, alguma vez já sentiu ao menos um grão de pena de nós quando sofremos tanta tristeza por sermos marcados como intocáveis?". E então responde: "Sábios gurus, acabem com a tagarelice de sua sabedoria vazia e ouçam o que eu tenho a dizer".

Educação reexaminada

Essas histórias nos fornecem uma introdução para falar sobre práticas pedagógicas e visões educacionais alicerçadas na História e no contexto; histórias que não são criadas por um escritor, mas são a realidade vivida, os esforços e os sonhos de vários indivíduos. Um dos aspectos mais cruciais que enfatiza essa tentativa no sentido de repensar a educação é a disposição de abrir a sala de aula e trazer a sociedade para ela. As palavras de Mukta Salve tornam evidente que o propósito da educação não está simplesmente limitado à alfabetização, mas também é analisar práticas injustas na sociedade.
Em geral, as escolas têm medo de confrontar e falar sobre injustiças de etnia, casta, classe e gênero, que são parte de nosso tecido social. Ao tratar a sala de aula como um espaço isolado onde o mundo lá fora não deve ser discutido, estamos fazendo um desserviço aos estudantes em vez de apoiá-los. Infelizmente, a verdade da questão é que a violência baseada em raça, sexo, classe e casta é a verdade de todo dia – dentro e fora das escolas – para a maioria dos estudantes.

A educação não pode se limitar a ensinar os estudantes a viver neste mundo; deve também tomar para si a missão de criar uma sociedade justa. Salas de aula devem se tornar espaços receptivos que permitam aos estudantes investigar as formas como a sua vida (e o que estão aprendendo) se conecta com a sociedade em geral. O trabalho dos professores envolveria, então, criar salas de aula onde os estudantes se sintam emocional e fisicamente seguros, onde sintam que suas opiniões são acolhidas e tratadas em primeiro plano. O currículo deve permitir aos estudantes examinar a sociedade e conduzi-los a levantar questões críticas sobre si mesmos e sobre a sociedade: quem está na posição de tomar decisões e quem foi deixado de fora? Como essas decisões impactam as pessoas? Quem se beneficia e quem sofre com o resultado? Isso não significa uma desvalorização das habilidades acadêmicas, mas certamente é uma tentativa de levar aos estudantes expectativas mais elevadas, enquanto se cria espaços para que eles questionem nosso sistema educacional e práticas sociais.

Entretanto, ao criarem essas salas de aula, os professores têm de estar conscientes e aceitar que não sabem tudo. Em alguns casos, um estudante pode, de fato, saber melhor ou compartilhar uma experiência que poderia ser útil para todos.

Convidar essas vozes e de outros da comunidade pode fazer a vida em sala de aula mais democrática e ser o primeiro passo no sentido de alinhar as práticas educacionais com nossa visão para a sociedade. Pois as palavras impetuosas de Mukta Salve não só colocam em questão a forma como nossa sociedade e os sistemas educacionais foram estruturados, mas também preparam o terreno para nossos esforços para construir uma sociedade justa. Porém, isso só ocorrerá se apenas ouvirmos seu apelo: "Sábios gurus, acabem com a tagarelice de sua sabedoria vazia e ouçam o que eu tenho a dizer".

Vivek Vellanki é estudante de doutorado na Faculdade de Educação da Universidade de Michigan. Seus interesses de pesquisa incluem educação para justiça social, explorando influências transnacionais nas práticas da educação. Ele iniciou a série de podcast *Dialogando sobre Educação*, com foco em educação, igualdade e democracia.

▲ A Aliança Progressista Jovem manifesta-se contra as armas nucleares

A energia do compromisso

Entrevista com Haneen Khalid

***Haneen Khalid**, do Paquistão, é organizadora de campo do sul da Ásia para a campanha internacional de desarmamento nuclear, Global Zero. Recém-formada pela Universidade Nacional de Ciências e Tecnologia em Islamabad, é fundadora da Aliança Progressista Jovem, organização estudantil que tem como foco três causas principais: desarmamento nuclear internacional, os direitos das comunidades marginalizadas, e mudanças climáticas e proteção ambiental.*

Como você se envolveu no ativismo em prol da paz? O que despertou seu compromisso e o que a mantém comprometida?

Cresci e conclui meus estudos em Islamabad, Paquistão — um dos focos na guerra global contra o terror. Observando a morte se tornar mera estatística no noticiário da noite, fazendo treinamentos na escola contra possíveis ataques, vivendo sob toque de recolher quando o

Crédito da foto: Mian Ali Humayun

governo lançou operações militares no coração da cidade — essas memórias deixam uma impressão duradoura. Elas mostram como o medo é uma força a ser levada em consideração. O que a paz significa? E como chegamos lá?

Ativismo em prol da paz tem sido a minha maneira de explorar essas questões. Mobilizar jovens por meio de palestras, eventos e petições é apenas a ponta do iceberg. A verdadeira mudança está nos processos subjacentes do pensamento que inspiram por intermédio dessas atividades. O mundo tem de ser da forma que o vemos? O conflito violento é inevitável? Como posso redefinir minha vida e meu pensamento para refletirem em um novo mundo que aprendeu com seus erros? O pensamento de que eu posso inspirar uma única pessoa a considerar esta questão me faz continuar. Ele me inspira a prosseguir questionando e continuar pintando uma nova imagem. A mudança acontece em uma conversa, em um pensamento de cada vez.

Qual foi sua motivação para o estabelecimento da Aliança Progressista Jovem (PYA) e para focar nas causas específicas que você identificou?

Como estudante, observei uma enorme lacuna no mercado para o ativismo organizado. Os jovens desejavam fazer algo significativo; eles objetivavam fazer a diferença da maneira que podiam. Queriam conhecer outras pessoas que se sentiam da mesma forma. Não havia nenhuma plataforma para reuni-los, para ajudá-los a pôr suas ideias em ação, para lhes dizer que cada pouco importava. Não havia organização estudantil que defendia a reforma social sem qualquer filiação política e que trabalhava simplesmente para incentivar os membros a fazer o seu melhor e ser a mudança que eles queriam ver. Quando vimos uma equipe vibrante, comprometida, entusiasmada se unindo para apoiar a Global Zero em Islamabad, a PYA era claramente o próximo passo.

> *Nosso objetivo é atingir a ignorância e a apatia para "construir um amanhã iluminado".*

As três questões que focamos, os direitos das comunidades marginalizadas, as mudanças climáticas e proteção ambiental e o desarmamento nuclear internacional, não são dominantes na sociedade, mídia e política paquistanesa — o desarmamento nuclear menos que todos. Elas também são as causas em que o resultado de nossos esforços não é imediatamente aparente. Nosso objetivo é atrair voluntários e ativistas para o processo em vez de ver apenas o objetivo, desenvolver as perguntas em vez de se frustrar com a falta de respostas. Sentimos que esta é a única maneira de se adaptar ao ambiente em mudança e construir um esforço sustentável.

Como a PYA cumpre sua missão?

Nosso objetivo é atingir a ignorância e a apatia para "construir um amanhã iluminado". Dizemos a nossos ativistas que toda conversa é importante. Nós encorajamos o ativismo no campus por meio de unidades de conscientização, círculos formais e informais de discussão e projetos criativos para sensibilizar os grupos de alunos para os desafios enfrentados pelos mais desfavorecidos e marginalizados. Acreditamos que este

Com as questões que requerem bases organizadas em longo prazo, como o desarmamento nuclear, o maior desafio é manter o ânimo elevado.

é um investimento de longo prazo para moldar novas ideias e novos pensamentos para jovens líderes emergentes.

Qual foi a sua experiência no desenvolvimento da PYA — os principais desafios e maiores recompensas?

O maior desafio, eu diria, é manter o ímpeto. Um sistema de recompensa e reconhecimento robusto é suficiente até certo ponto ao se trabalhar com voluntários. Isso é algo que ainda exige variadas tentativas. Toda operação é executada conforme a energia de cada ativista e seu compromisso com a causa. Com as questões que requerem bases organizadas em longo prazo, como o desarmamento nuclear, o maior desafio é manter o ânimo elevado.

No entanto, as maiores recompensas se encontram aqui também. Conhecer e trabalhar com pessoas dispostas a comprometer-se muito com o que acreditam é especialmente gratificante. Às vezes, pessoas que você nunca conheceu vêm e falam sobre o que organizaram em sua universidade para discutir como o Paquistão está em risco de mudanças climáticas ou como o desarmamento nuclear é uma questão que diz respeito a todos os cidadãos. E, de repente, você percebe que isso está acontecendo porque ousou imaginar. É alucinante.

Em geral, como a juventude no Paquistão responde às três causas defendidas pela PYA? Algumas das causas têm maior repercussão que outras e há alguma para a qual é mais difícil obter apoio?

O tema amplo da paz agrada a todos. Ninguém vai argumentar contra a paz como um objetivo final; são as formas e os meios que se tornam controversos. Então, é assim que iniciamos nossas conversas. Como eu disse anteriormente, o medo é uma força a ser considerada, e este país tem vivido na sombra por um tempo muito longo. Você pode dizer que as pessoas estão frustradas, que já tiveram o bastante, que elas querem algo muito diferente para seus filhos e que estão dispostas a fazer o que for preciso.

Descobri que falar sobre os direitos das comunidades marginalizadas repercute fortemente na comunidade estudantil. A mídia tem sido mais ativa na cobertura de casos relacionados à violência contra mulheres e minorias religiosas e, como pessoas, podemos relacionar com histórias chocantes descritas com vívidos detalhes. A mudança climática e o desarmamento nuclear são mais abstratos, e precisamos trabalhar duro para pintar uma imagem clara do que está em jogo. O desarmamento nuclear, especialmente, é encarado com muito cinismo — com boa razão. Poucos discordam, porém, de que é um ideal que vale a pena apoiar, para todos e em todos os lugares.

O que você pensa ser fundamental para garantir que a sua geração possa ter sucesso com a abolição nuclear?

Acho que precisamos acreditar que podemos. Precisamos reconhecer nosso próprio poder. É simples assim.

Quais têm sido suas estratégias ou abordagens para a mobilização dos jovens no Paquistão em torno, especificamente, do desarmamento nuclear?

Há uma série de grupos de paz e sociedades de debates ativos em todo o país. Muitos de nossos estudantes estão agindo em parceria com esses grupos e construindo uma alternativa para a conversa dominante pró-armas nucleares. Muito cedo em nosso trabalho percebemos que nosso público sabe bem pouco sobre a questão ou a respeito do que eles têm a perder em caso de uma detonação. Eles nem imaginam quão terrível o resultado poderia ser. Não sabem como é, de fato, o perigo do alcance ou acidente nuclear. Eles também não fazem ideia de que o mundo está injetando uma quantidade impressionante de recursos para a manutenção e expansão dos arsenais nucleares. Trabalhamos no desenvolvimento de material impresso e de mídias sociais para levar essa informação para fora, formando equipes para ajudar a espalhá-las ainda mais, e nós também lançamos um questionário algum tempo atrás para medir o nível geral de consciência. Foi chocante. Acho que, em última análise, a proliferação nuclear ou o desarmamento é menos que uma questão política e muito mais sobre ter todos os fatos. Você não pode proteger seu povo e condená-lo à loucura ao mesmo tempo. No mínimo, deve ser uma escolha consciente entre os dois, uma decisão feita a partir de uma posição de consciência. E isso é o que fazemos: ajudamos as pessoas a se tornarem conscientes.

▲ Daisaku Ikeda

A coragem da aplicação

Daisaku Ikeda

No trecho abaixo, extraído da Proposta de Paz 2016, Respeito Universal pela Dignidade Humana: O Grande Caminho da Paz*, o presidente da SGI,* ***Daisaku Ikeda****, elucida como a educação pode empoderar os indivíduos a criar uma mudança positiva. O texto completo (em inglês) está disponível em www.sgi.org/about-us/president-ikedas-proposals/peace-proposal-2016.html.*

O presidente fundador da Soka Gakkai, Tsunesaburo Makiguchi (1871–1944), foi um dos pioneiros da educação humanista. Em seu livro publicado em 1930, Soka Kyoikugaku Taikei [Sistema Pedagógico de Criação de Valor] — obra de importância germinal para a SGI —, ele descreve três diferentes modos de vida como seres humanos: dependente, independente e contribuidor.

Num modo de vida dependente, a pessoa é normalmente incapaz de perceber o seu próprio potencial, desistindo de qualquer possibilidade real de transformar a sua situação e, ao contrário, acomoda-se apoiando-se nos outros e no ambiente à sua volta ou segue o rumo da sociedade. Numa forma independente de vida, as pessoas querem encontrar o seu próprio caminho, mas com pouco interesse pelas que não estão diretamente envolvidas. Tendem a achar que embora a sua situação real seja difícil, cabe a elas encontrar uma solução com seus próprios esforços.

Makiguchi utilizava o seguinte exemplo para ilustrar a natureza problemática desse modo de vida. Suponha que alguém coloque uma grande pedra numa ferrovia. Não é preciso dizer que é um ato maldoso. Mas, sabe que se a pedra não for removida, o trem será prejudicado.

Em outras palavras, se alguém identifica um perigo e, por não ter pronta iniciativa, nada faz para evitá-lo, essa omissão produzirá terrível efeito.

Crédito da foto: © Seikyo Shimbun

Todos falam da gravidade de um ato maldoso, mas, inexplicavelmente, ninguém se responsabiliza pela gravidade da omissão. E os males sociais fundamentais continuam sem solução.

Qualquer dúvida que não fazer o bem equivale a fazer o mal, logo se dissipa quando nos imaginamos a bordo do trem em direção ao desastre.

Na política, na economia e em outras áreas do pensamento contemporâneo, observamos uma passiva e silenciosa aceitação em sacrificar os interesses de alguns para que muitas pessoas sejam mais felizes. As armadilhas desta maneira de pensar são ilustradas pelas mudanças climáticas. A aceitação do sacrifício de outras pessoas pode corroer as bases da sobrevivência da humanidade; ainda que não se esteja em risco no momento, em longo prazo parte alguma do planeta se manterá inalterada.

A filósofa política norte-americana Martha C. Nussbaum advertiu sobre os perigos de preferir interesses em curto prazo e apelou por iniciativas que conscientizem a cidadania global.

Mais do que em qualquer momento do passado, todos nós dependemos de pessoas que nunca vimos. E elas dependem de nós... Nenhum de nós escapa dessa interdependência global.

Estimular o potencial criativo por meio da educação e da aprendizagem expande a base de solidariedade e prepara a solução de questões mundiais.

Makiguchi afirma que devemos adotar o modo de vida que acrescente. "A autêntica felicidade é alcançada quando se compartilha alegrias e sofrimentos das pessoas como um membro da sociedade". É preciso expandir essa consciência para abarcar o mundo inteiro: nada é mais valioso.

A reação em cadeia da transformação positiva

O budismo enxerga o mundo como uma teia de relações na qual nada está completamente dissociado das outras coisas. A cada momento, o mundo é formado e moldado por essa mútua relação. Quando entendemos e sentimos nas profundezas do ser o fato de que nossa existência depende dessa teia de relacionamentos, percebemos claramente que não há felicidade que seja só nossa, nem sofrimento que aflija apenas os outros.

Neste sentido, nós — agora e aqui — somos o estopim de uma reação em cadeia de transformação positiva. Capazes

Crédito da foto: © Hero Images/Getty Images

O budismo enxerga o mundo como uma teia de relações na qual nada está completamente dissociado das outras coisas. A cada momento, o mundo é formado e moldado por essa mútua relação.

de resolver nossos desafios pessoais e de contribuir para que o nosso meio ambiente e a sociedade humana caminhem numa direção correta.

Esta plena consciência de interdependência nos dá a forma, o modelo, para reconsiderar a relação entre o eu e o outro, entre nós mesmos e a sociedade como um todo. Esta é a perspectiva que o budismo nos pede.

Deste ponto de vista, a educação é vital. Ela nos leva a preencher este campo de coordenadas possíveis com a experiência da empatia que sentimos com a dor dos outros. Nossa capacidade de percepção se aprimora ao aprendermos o contexto e as causas fundamentais de problemas como a degradação ambiental ou a desigualdade humana, os quais, por sua vez, esclarecem e fortalecem a ética para abordar essas questões.

A segunda função da aprendizagem é criar coragem de perseverar na adversidade.

As consequências dos desafios que a humanidade enfrenta, pobreza ou catástrofes naturais, variam de acordo com o local e a circunstância. Como já mencionei, a respeito das alterações climáticas, os impactos de diferentes ameaças afetam qualquer pessoa, em qualquer lugar, a qualquer momento. São necessários esforços diários em cada localidade para aumentar a resiliência: a capacidade de evitar crises ou seu agravamento e a capacidade de agir com sabedoria para atender de forma dinâmica e vigorosa às difíceis consequências de um desastre.

Grande educador, Makiguchi concentrou-se em melhorar a capacidade dos alunos para compreender a importância dos acontecimentos no ambiente deles e agir de forma proativa, a qual chamou de “coragem da aplicação”. Para ele, o real objetivo da educação é criar o hábito de descobrir oportunidades para aplicar os conhecimentos adquiridos pelo ensino, com ações concretas e máxima eficácia.

O mestre afirmava que, além de simplesmente oferecer aos alunos a resposta certa, é “conduzir as crianças e concentrar a atenção nas áreas onde há muitas oportunidades de aplicar o que aprenderam”.

Makiguchi salienta a importância de criar a coragem da aplicação — a capacidade de resolver problemas com seus próprios esforços — guiado pelas percepções da natureza desses problemas, adquiridas com a aprendizagem. Com essa coragem não ficamos oprimidos por nossas circunstâncias. Ao contrário, criamos o futuro que desejamos.

Determinada a viver

Entrevista com Jharna Narang, sobrevivente dos ataques terroristas de 26 de novembro de 2008 em Mumbai

Dez terroristas executaram uma série de disparos coordenados e bombardeios em Mumbai, Índia, que duraram quatro dias desde 26 de novembro de 2008, matando mais de 160 pessoas e deixando centenas de feridos. ***Jharna Narang****, associada de Bharat Soka Gakkai (SGI-Índia), jantava com sua família no Taj Mahal Palace Hotel quando o estabelecimento foi atacado e tomado [pelos terroristas]. Seus familiares — pais e irmão — foram mortos no tiroteio, enquanto ela sofreu quatro ferimentos a bala no estômago, nos braços e no quadril.*

Nos dois meses seguintes, dezenove médicos de diversas especialidades trabalharam juntos continuamente, enquanto Jharna lutava para se manter viva na Unidade de Terapia intensiva (UTI). Os rins dela pararam de funcionar. Ela ficou impossibilitada de mover as pernas devido aos danos na medula espinhal. Houve grandes danos neurais, perda de sangue e hemorragias internas, além da constante ameaça de septicemia (infecção generalizada). As balas não atingiram nenhum órgão vital. Ela recebeu alta depois de oito meses de hospitalização.

Nesta entrevista, realizada em 2015, sete anos após o acontecimento, Jharna, que está quase totalmente recuperada e readquiriu o movimento das pernas, fala sobre o incidente, mas acima de tudo nos conta sobre seguir em frente e a natureza do perdão.

Você pode nos dizer o que aconteceu naquele dia?

Foi numa fração de segundo. Estávamos jantando, comemorando o aniversário de 32 anos do meu irmão Gunjan em um restaurante no Taj Hotel, quando nos disseram que precisávamos deixar o local.

Seguimos os funcionários pela cozinha e entramos as dependências internas do edifício onde havia salas de banquetes privados. Nós nos escondemos lá durante horas. Eles nos deram tudo o que podiam, um pouco de água, biscoitos e toalhas para nos cobrirmos. Ninguém sabia a gravidade da situação. Pessoas de várias partes do Taj se juntaram e se esconderam em três ou quatro salas de banquetes.

Certo momento, disseram que era seguro sairmos. Saímos exatamente quando o tiroteio começou novamente. Fui baleada e sangrava como uma torneira. Minha mãe estava embaixo de mim, ela morreu imediatamente. Eu sangrava por todo lugar, perdendo e recobrando a consciência. Naquele momento, fingi estar morta. Eles ainda estavam atirando.

Lembro-me de pensar "Não posso morrer, minha missão ainda não terminou!". E gritei e gritei por ajuda.

Acredito que esta forte determinação interior fez com que todo o universo trabalhasse para salvar a minha vida. Fui uma das primeiras a serem resgatadas e levadas para o hospital. Embora não tivesse nenhuma identificação e os médicos mal pudessem sentir meu pulso, eles não desistiram. (Meu cirurgião contou depois que ele não sabe o que fez com que ele apostasse em mim, afinal havia tantas pessoas chegando.) Lembro-me de dar meu nome no hospital, mas eles não entenderam direito. Então, senti alguém remover meus brincos e soube que estavam me levando para operar imediatamente.

E os demais da sua família?

Minha cunhada e seus pais escaparam com segurança. Eles encontraram os corpos dos meus pais e do meu irmão em diferentes necrotérios, mas eu não estava em nenhum lugar. As vítimas haviam sido levadas para diferentes hospitais, e a equipe de emergência tinha anotado meu nome errado. Desesperadamente buscando meu paradeiro, meus parentes até colocaram nos jornais, onde se lia a manchete: "Jharna, onde está você?. Eles finalmente me encontraram no Hospital Bombaim.

Quando recuperei a consciência, mais de um mês havia se passado, porém, para mim parecia que tinha sido ontem ou apenas alguns dias atrás. Abri os olhos e sabia que alguma coisa havia acontecido, mas não sabia bem o quê. Foi quando me disseram que meus pais e meu irmão não sobreviveram.

Deve ter sido muito difícil aceitar a morte deles

Inicialmente, eu me perguntava "O que foi que eu fiz para estar sujeita a um carma tão negativo?". Estava muito incomodada com a maneira como meus pais morreram. Eles foram mortos a tiros, a vida lhes foi tirada exatamente assim. Estava bastante perturbada com isso e compartilhei minhas preocupações com um líder da SGI, que me ajudou a entender que é impossível compreender o carma de alguém.

Acredito que esta forte determinação interior fez com que todo o universo trabalhasse para salvar a minha vida.

O conceito de carma não é algo que possa ser entendido em um nível superficial. Além disso, o budismo ensina que não é quanto tempo vivemos ou como morremos que determina a vitória ou o fracasso de nossa vida; pelo contrário, o modo como conduzimos a vida é que importa. Esse líder me explicou que meus pais e meu irmão não morreram em vão, e isso ficou guardado comigo. A morte deles ajudou a conscientizar o mundo sobre o terrorismo e a transformar o carma da terra. Ninguém pode esquecer o 26 de Novembro. Eles assumiram o carma da terra. Realmente sinto isso. Além do mais, eles morreram rapidamente e não sofreram.

Pouco a pouco, comecei a sentir uma certeza interior de que meus pais e meu irmão estão felizes onde quer que

estejam. O Budismo de Nichiren Daishonin nos ensina que os benefícios dos nossos esforços para o avanço da paz por meio da nossa prática budista se estendem a inúmeras gerações de nossa família. Acredito que os benefícios de todas as causas que crio em minha prática budista chegarão aos meus pais e ao meu irmão, e isso é muito tranquilizador! Também acredito no que Nichiren promete em seus escritos, que eu nascerei junto com eles novamente. Enquanto isso, devo cumprir minha missão! Quero usar a minha vida como exemplo para motivar o mundo para ações concretas. Então, não há nada a lamentar.

Você guarda qualquer sentimento de culpa ou ressentimento dos terroristas?

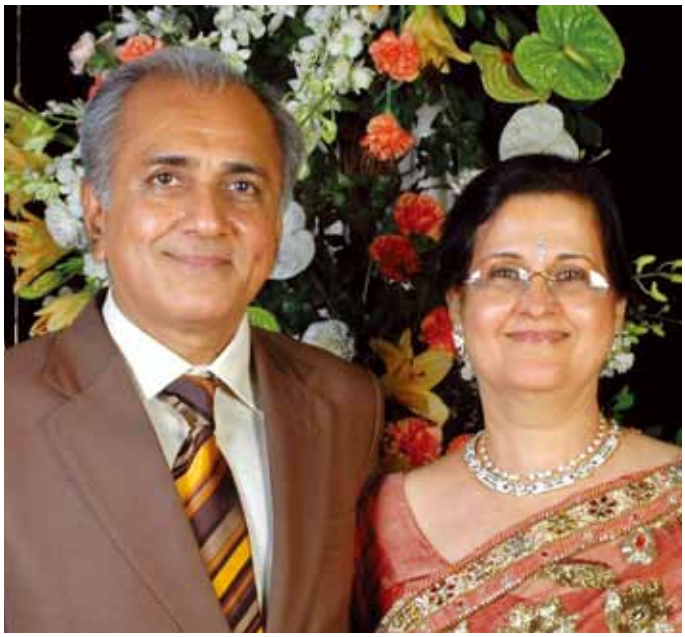
Eles eram crianças. Vestiam shorts, camiseta, eram rapazes jovens, talvez com 16, 17 ou 18 anos, no máximo. Não sabiam o que estavam fazendo. Eles são apanhados, levados para os campos e treinados. As famílias deles, provavelmente, são informadas de que seus filhos vão ser bem cuidados. Vi como eram jovens. Não nasceram assassinos. Foram programados.

Tendo experimentado a insegurança dos tempos em que vivemos de tão perto, como você deseja viver daqui para a frente?

Vi como eram jovens. Não nasceram assassinos. Foram programados.

Uma passagem do tratado *Estabelecer o Ensinamento Correto para a Pacificação da Terra*, de Nichiren Daishonin, me vem à mente: "O senhor deve reformar rapidamente os dogmas que mantém no coração... Se assim fizer, o mundo tríplice se tornará a terra do buda, e como poderia a terra do buda decair?" [CEND, v. I, p. 25]

Essa passagem é sobre a urgência em fazer a nossa revolução humana, um processo de transformação interior que evidencia nosso máximo potencial humano. Nem todos podem fazer parte da ONU (Organização das Nações Unidas) ou ir até lá e prestar ajuda humanitária. O que todos nós podemos fazer é vencer nossas tendências negativas e nos dedicar para valorizar a pessoa que está à nossa frente.



▲ Os pais de Jharna

O ressentimento em meu coração, os sentimentos de impotência ou qualquer coisa que me puxe para baixo — isto é que tenho de vencer. Por meio da mudança em meu coração, sei que posso criar esse efeito em cadeia. Este é o "poder de cada um" que o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, sempre fala. Mas a questão é que eu tenho de acreditar no poder da minha vida. Preciso acreditar, ativar e emergir esse poder da minha vida. E se posso fazer isso, posso ser um exemplo para os outros.

O que você pode compartilhar com aqueles que sobreviveram a circunstâncias semelhantes e estão lutando para enfrentar o futuro?

Pessoalmente, penso assim: um dia de cada vez. Um dia de cada vez, avance. Acredite em si mesmo. Lute. Não sei como, mas desde aquele dia há uma constante voz interior que diz: "Ok, siga em frente. Viva um dia de cada vez". Por mais difícil que seja, por mais doloroso, de alguma forma fui capaz de acreditar em mim. "Sim. Eu vou conseguir! Eu vou viver!" Esse tipo de determinação, esse espírito de luta fortalecido por meio da minha prática budista, pode romper todas as barreiras.

Meenakshi Chhabra no Fórum Ikeda 2015

A prática da dignidade

Mitch Bogen, do Centro Ikeda para a Paz, a Aprendizagem e o Diálogo

Mitch Bogen *descreve os princípios e as atividades do Centro Ikeda e explica como o Fórum Ikeda para Diálogo Intercultural 2015 oferece uma visão para a história do centro.*

Como em todos os Fóruns Ikeda, o 12º fórum anual reuniu renomados estudiosos de diversas áreas e origens para explorar as principais ideias da filosofia do humanismo budista de Daisaku Ikeda – principalmente aquelas que iluminam temas e desafios no âmbito pessoal, social e da ética global.

Denominado de "A Prática da Dignidade: O que isso significa hoje", o fórum 2015 oferece uma visão do trabalho e objetivos do Centro Ikeda para a Paz, a Aprendizagem e o Diálogo (originalmente chamado Centro de Pesquisas de Boston para o Século 21), que foi fundado em 1993 por Daisaku Ikeda, presidente da SGI, em Cambridge, Massachusetts.

Os três palestrantes no fórum 2015 são representantes de um mix de eruditos que constituem a ampla rede de amigos do Centro Ikeda que contribuem para os nossos programas e publicações.

A primeira a discursar foi Meenakshi Chhabra, professora associada dos estudos interdisciplinares globais na Universidade Lesly. Ela compartilhou como a experiência de crescer na Índia, no período pós-Independência em 1947, influenciou seu trabalho como professora e facilitadora de diálogo entre pessoas em regiões de conflitos prolongados, incluindo Índia e Paquistão. Contou também como o poema de Daisaku Ikeda, *O Sol de Jiyu*, com o seu chamado para retornar às "'raízes' primordiais da humanidade", a colocou no seu caminho da construção da paz. Essas raízes, afirmou, são a fonte de nossa dignidade compartilhada.

Crédito da foto: Marilyn Humphries

▲ Gail Thomas, à esquerda, no Fórum Ikeda 2015

▲ Diálogo durante o Encontro com a Autora Sarah Wider 2014

Gail Thomas é professora de sociologia na Universidade Soka da América. Ela focou na dignidade quando experimentada no nível pessoal. Por exemplo, falou sobre o poder que a linguagem tem para afetar a dignidade humana, principalmente na esfera das designações. "O modo como os indivíduos são rotulados cria expectativas e avaliações" sobre eles, disse ela, e quando enquadrado negativamente pode prejudicar a própria identidade e limitar o potencial. Quando mais jovem, revelou a Dra. Thomas, ela se deparou com um rótulo humilhante, o qual superou com a ajuda de "exemplos e mestres", um aspecto vibrante da visão do Sr. Ikeda.

Por último, Peter Stearns, professor de história e reitor emérito na Universidade George Mason, explicou que, após séculos de colonialismo e declarações agressivas da superioridade ocidental, muitos ao redor do mundo certamente suspeitam das reivindicações dos Estados Unidos pela preocupação em relação à dignidade e aos direitos humanos dentro do próprio país. Entretanto, disse o Dr. Stearns, em vez de repreender os outros países sobre tais questões, deveríamos nos engajar mais em diálogos e aceitar que nós, americanos, precisamos aprender com os demais países assim como eles devem aprender conosco.

O Dr. Stearns publicou recentemente o livro de pesquisa *Paz na História do Mundo*. Segundo Stearns, seu interesse na educação de paz tem sido influenciado significativamente por sua "experiência com o Centro Ikeda e os escritos do Dr. Ikeda — particularmente a sua declaração de que cada um de nós como cidadão global deveria pensar sobre o que podemos fazer para promover a paz".

O Fórum Ikeda e nossos valores fundamentais

O tema da dignidade fundamenta a declaração de visão do Centro Ikeda, que foi criada com base nas mensagens do Sr. Ikeda escritas para o centro comemorando marcos importantes. Na abertura da declaração, lê-se:

> O Centro Ikeda prevê um mundo construído sobre dois atributos essenciais: primeiro, um respeito profundo para a igualdade moral inerente e dignidade inviolável de todas as pessoas; e, segundo, uma inabalável convicção no infinito potencial dos indivíduos para transformar a si mesmos e o mundo para melhor.

A dignidade também aparece na quarta das sete Convicções Fundamentais: "Respeito pela dignidade humana e reverência pela santidade da vida proporciona um padrão ético de referência". Essas palavras foram extraídas da mensagem de 2004 de Daisaku Ikeda para o centro, enviada em comemoração do Fórum Ikeda inaugural. Nela, o Sr. Ikeda conectou o budismo com percepções da Renascença Americana, um tema explorado nos três primeiros Fóruns Ikeda.

Cada Fórum Ikeda trata de algum aspecto da educação humanística e filosofia. Por exemplo, o ano de 2009 foi o 150º aniversário de nascimento de John Dewey. Organizado para homenagear a ocasião, o fórum de 2009 criou a rara oportunidade para os maiores estudiosos de Dewey explorarem ressonâncias multiculturais entre o humanismo naturalista de Dewey e o humanismo budista de Ikeda.

Crédito das fotos: Marilyn Humphries

Transmitindo a mensagem

O falecido historiador Vincent Harding, confidente de Martin Luther King Jr. e mestre de inúmeras pessoas que trabalham para a mudança social inclusiva, discursou em três Fóruns Ikeda (2008, 2010 e 2013). Como muitos dos palestrantes do Fórum Ikeda, o Dr. Harding é coautor de um diálogo com o Sr. Ikeda publicado pela Dialogue Path Press (DPP), editora do centro, lançado em 2009. Em *America Will Be! Conversations on Hope, Freedom, and Democracy* [América Será! — Diálogos sobre a Esperança, a Liberdade e a Democracia], publicado em 2013, Ikeda e Harding extraíram lições universais do que o Dr. Harding chamou de "o movimento para expandir a democracia" — não o termo mais comumente utilizado: "movimento pelos direitos civis". Até o momento, a DPP editou sete títulos.

Antes da DPP, o centro desenvolveu e publicou livros em colaboração com editoras como Orbis Books e Teachers College Press. Até 2015, esses volumes multiautorais, junto com os títulos da DPP, têm sido usados em mais de 900 cursos por mais de 275 faculdades e universidades, injetando importantes preocupações humanistas orientadas para a paz no trabalho de conclusão de curso de milhares de jovens nos Estados Unidos e ao redor do mundo.

Os livros não são nosso único modo de comunicação ou produção de conteúdo. O site do Centro Ikeda é projetado para compartilhar materiais de engajamento tanto antigos como novos. O trabalho de construção de paz é interminável e profundo, por isso uma entrevista de 1997 com o líder da abolição das armas nucleares Joseph Rotblat aproxima-se facilmente da entrevista de 2014 com a teorista da dignidade Donna Hicks. Nosso programa de vídeos é especialmente popular; o formato permite que os entrevistados se comuniquem de uma forma imediata que não é possível ser feita pela palavra impressa. E por meio do nosso programa de bolsas *Education Fellows*, estamos apoiando estudantes de doutorado a produzir novas pesquisas relacionadas à educação Soka.

Construção da paz — passado e presente

O Centro Ikeda foi fundado por Daisaku Ikeda como Centro de Pesquisas de Boston para o Século 21, em 24 de setembro de 1993, dia do seu discurso na Universidade de Harvard, "O Budismo Mahayana e a Civilização do Século 21" [veja quadro ao lado]. Em 2009, o Dr. Ikeda concordou com a nossa solicitação de alterar o nome para Centro Ikeda para a Paz, a Aprendizagem e o Diálogo, que transmite tanto a nossa gratidão ao fundador como as nossas preocupações centrais.

Nos anos anteriores ao advento do Fórum Ikeda, o centro conduziu conferências e eventos organizados em torno de temas centrais, enquanto criava relacionamentos com construtores de paz da mesma opinião, relacionamentos estes que duram até hoje. As notáveis conferências incluíram a de 2001, "Economia para o Bem-Estar Humano: Avançando a Agenda do Povo", que antecipou assuntos relacionados com o

O discurso de nossa fundação

Em 24 de setembro de 1993, Daisaku Ikeda proferiu um discurso no Instituto Yenching da Universidade Harvard, intitulado "O Budismo Mahayana e a Civilização do Século 21". Discursando a convite de eminentes docentes de Harvard, Harvey Cox, John Kenneth Galbraith e Nur Yalman, o Sr. Ikeda destacou vários ensinamentos e práticas do budismo que ele sentia que seriam especialmente proveitosos para ajudar a humanidade a transcender "uma ênfase irracional na diferença" que assola o nosso mundo há tempo demais. A principal dessas práticas, sugere Ikeda, é o diálogo, exemplificado tão bem por Shakyamuni desde os primeiros dias de seu ensinamento. Foi esse compromisso de dialogar que inspirou o Sr. Ikeda a fundar o Centro de Pesquisas de Boston para o Século 21 no mesmo dia em que fez seu discurso. Por esse motivo, o discurso de Harvard de 1993 é chamado "palestra de fundação do centro".

Crédito da foto: © Ikeda Center for Peace, Learning, and Dialogue

Discussão em grupos pequenos durante o Fórum Ikeda 2013, em que o palestrante foi Vincent Harding

movimento atual *Occupy*, e a série de seminário de 2003 sobre Justiça Restaurativa, que examinou valores filosóficos cruciais para o movimento atual de reforma no sistema de justiça criminal em linhas mais humanistas.

Dentre outros eventos e atividades muito numerosas para resumir, um pode servir para ilustrar o trabalho inicial: ao longo da década de 1990 o centro trabalhou com o Dr. Steven Rockefeller e várias ONGs para realizar um esboço da Carta da Terra, que é tanto "uma expressão universal dos princípios éticos para promover o desenvolvimento sustentável" quanto uma rede global trabalhando hoje para fazer avançar esses princípios. Durante esse processo, o centro desenvolveu seu relacionamento com a pioneira dos estudos da paz Elise Boulding, que culminou com a publicação em 2010 do seu diálogo com Daisaku Ikeda, *Into Full Flower: Making Peace Cultures Happen* [Florescendo Completamente: Fazendo Acontecer uma Cultura de Paz] — a última edição de sua vida e carreira substanciais.

A Dra. Boulding consistentemente nos lembrava que "o que existe é possível", no sentido de que a paz não é um sonho irrealizável; sempre foi presente e real, se não predominante. Portanto, está inequivocamente dentro do nosso poder de mudar o *status quo* para melhor.

Enquanto rumamos ao nosso 25º aniversário em 2018, vamos continuar a empregar o diálogo e a educação para promover sólida ascensão e presença cada vez maior da paz.

Mitch Bogen é colaborador de publicações do Centro Ikeda. Além de contribuir para a edição de livros e gestão da produção de livros, atua como webmaster e principal escritor para o centro. Mitch foi escritor e editor de uma série de organizações de ensino sem fins lucrativos, ensinou religião comparada e foi escritor colaborador do *Harvard Education Letter*. Possui dois mestrados na Universidade Harvard, em teologia e educação.

Crédito da foto: Marilyn Humphries

O significado do Nam-myoho-renge-kyo

A essência do budismo é a convicção de que temos dentro de nós a capacidade de, a cada momento, superar qualquer problema ou dificuldade que podemos encontrar na vida; a capacidade de transformar qualquer sofrimento. Nossa vida possui este poder, porque é inseparável da lei fundamental que sustenta o funcionamento de toda a vida e o universo.

Nichiren Daishonin, monge budista do século 13, cujos ensinamentos a SGI se baseia, despertou para esta lei, ou princípio, e nomeou-a Nam-myoho-renge-kyo. Por meio da prática budista que ele desenvolveu, criou um caminho para que todas as pessoas possam ativá-la dentro da própria vida e experimentar a alegria que brota quando somos capazes de nos libertar do sofrimento no nível mais fundamental.

Shakyamuni, fundador do budismo, que viveu na Índia há cerca de 2.500 anos, foi o primeiro a despertar para esta lei pelo desejo compassivo de encontrar meios que permitissem a todas as pessoas serem livres das dores inevitáveis da vida.

É por isso que ele é conhecido como Buda, ou Aquele que Despertou. Ao descobrir que a capacidade de transformar o sofrimento era inata dentro da própria vida, ele também viu que é inato dentro de todos os seres.

O registro dos ensinamentos de Shakyamuni para despertar as pessoas foi compilado para a posteridade em vários sutras budistas. O ponto culminante desses ensinamentos é o Sutra do Lótus. Em japonês, "Sutra do Lotus" é representado como *Myoho-renge-kyo*.

Em meio à turbulência do século 13 no Japão, ou seja, várias centenas de anos após Shakyamuni, Daishonin começou uma busca para recuperar a essência do budismo para o bem das massas sofredoras. Despertando para a lei da vida inerente a si mesmo, Nichiren Daishonin foi capaz de discernir que esta lei fundamental está contida no Sutra do Lótus revelado por Shakyamuni, e que é incluso e concisamente expresso no título do sutra — *Myoho-renge-kyo*. Daishonin designou o título do

Crédito da foto: © Natsuo Ikegami/Getty Images

sutra como o nome da Lei e estabeleceu a prática da recitação do Nam-myoho-renge-kyo como um modo pragmático para que todas as pessoas pudessem concentrar o coração e a mente nesta Lei e manifestar o seu poder transformador em realidade. *Nam* é derivado da palavra *Namas*, que, em sânscrito, significa "devoção" ou "dedicar a própria vida".

Nam-myoho-renge-kyo, portanto, é um compromisso, uma expressão de determinação, para abraçar e manifestar a nossa natureza de buda. É um compromisso consigo de nunca ceder às dificuldades e conquistar a vitória sobre os sofrimentos. Ao mesmo tempo, é um juramento de ajudar os outros a revelar esta Lei na própria vida e alcançar a felicidade.

Um profundo significado

Os ideogramas chineses individuais que compõem Myoho-renge-kyo expressam as principais características desta Lei. *Myo* pode ser traduzido como "místico" ou "maravilhoso", e *ho* significa "lei". Esta lei é chamada mística, porque é difícil de compreender. O que é exatamente difícil de compreender? É a admiração das pessoas comuns, que são vítimas de ilusão e sofrimento, despertando para a lei fundamental em sua própria vida, fazendo brotar sabedoria e compaixão e percebendo que são inerentemente budas, capazes de resolver os próprios problemas e os dos outros. A Lei Mística transforma a vida de qualquer pessoa, mesmo a mais infeliz, a qualquer momento e em qualquer circunstância, em uma vida de suprema felicidade.

É um compromisso consigo de nunca ceder às dificuldades e conquistar a vitória sobre os sofrimentos

Renge, que significa flor de lótus, é uma metáfora que oferece uma visão mais profunda das qualidades desta Lei Mística. A flor de lótus é pura e perfumada, cresce em uma água lamacenta, mas permanece imaculada. Da mesma forma, a beleza e a dignidade de nossa humanidade vêm à tona em meio aos sofrimentos da realidade diária.

Além disso, ao contrário de outras plantas, o lótus produz a flor e o fruto ao mesmo tempo. Na maioria das plantas o fruto se desenvolve após a flor desabrochar e suas pétalas caírem. O fruto da planta do lótus, no entanto, se desenvolve simultaneamente com a flor, e quando a flor se abre, o fruto está dentro dela. Isso ilustra o princípio da "simultaneidade de causa e efeito"; não temos de esperar para nos tornarmos perfeitos no futuro, podemos revelar o poder da Lei Mística de dentro da nossa vida a qualquer momento.

O princípio da "simultaneidade de causa e efeito" esclarece que a nossa vida é fundamentalmente equipada com o grande estado de vida do Buda e que a conquista do estado de buda é possível simplesmente abrindo-se para esse estado. Outros sutras, exceto o Sutra do Lótus, ensinaram que as pessoas poderiam atingir a iluminação apenas por meio da realização da prática budista ao longo de muitas existências, adquirindo as características de um buda, uma de cada vez, em várias existências. O Sutra do Lótus contraria essa ideia, ensinando que todos os traços do Buda estão presentes em nossa vida desde o início.

Kyo significa literalmente "sutra" e aqui indica a Lei Mística comparada a uma flor de lótus, a lei fundamental que permeia a vida e o universo, a verdade eterna. O ideograma chinês *kyo* indica também a ideia de uma "linha". Quando um tecido é fabricado, inicialmente as linhas verticais são colocadas no lugar. Elas representam a realidade básica de vida. São a estrutura estável através da qual as linhas horizontais são tecidas. Essas linhas horizontais, que representam as diversas atividades da nossa vida diária, compõem o tecido-padrão, dando cor e variedade. O tecido da nossa vida é composto tanto pela verdade fundamental e duradoura como pela realidade movimentada da nossa existência diária com sua singularidade e diversidade. Uma vida que é apenas de linhas horizontais rapidamente se desfaz.

Estas são algumas das maneiras pelas quais o nome "Myoho-renge kyo" descreve a Lei Mística, da qual nossa vida é uma expressão. A recitaçãodo Nam-myoho-renge-kyo é um ato de fé na Lei Mística e na magnitude das possibilidades inerentes à vida. Em seus escritos, Nichiren Daishonin enfatiza a essência da fé. Ele escreve, por exemplo: "O Sutra do Lótus (...) diz que somente se pode 'manifestar por meio da fé' (...). Assim, a fé é o requisito básico para entrar no caminho do buda". A Lei Mística é a força ilimitada inerente à vida de alguém. Acreditar na Lei Mística e recitar Nam-myoho-renge-kyo é ter fé em seu potencial ilimitado. Não é uma frase mística que traz poder sobrenatural, nem é o Nam-myoho-renge-kyo uma entidade transcendental que podemos confiar. É o princípio de que aqueles que vivem uma vida normal e fazem esforços consistentes serão devidamente vitoriosos.

A recitação do Nam-myoho-renge-kyo é para revelar a pura e fundamental energia da vida, honrando a dignidade e a possibilidade de nossa vida comum.

Histórias protagonistas

Cintia: a cientista social que executa com energia e garra sua história protagonista

Lúcia: educadora determinada a construir seu ideal de uma educação transformadora

A conquista dos ideais da juventude é um dos grandes desafios que todas as pessoas enfrentam ao longo da vida. E, muitas vezes, as intempéries — inevitáveis! — acabam por derrubar os sonhos muito antes que se inicie a caminhada verdadeira. Duas das mais importantes personagens da história atual da Associação Brasil SGI (BSGI) se abriram e relataram a trajetória de sua jornada ímpar. Lucia Takano e Cintia Okamura são mais que profissionais, são seres humanos que decidiram ser protagonistas de sua história de vida. Além disso, buscam transformar todo o seu entorno.

Lúcia Takano

Muito cedo, a jovem Lúcia, na flor dos 17 anos, no último ano do ensino médio, angustiava-se com a dúvida comum de seus contemporâneos: que curso escolher. "Pairava uma séria dúvida sobre qual o caminho a seguir na faculdade, além do grande vazio que sentia em minha vida", inicia.

Foi nessa época que conheceu a filosofia humanística do Budismo de Nichiren Daishonin. Isso lhe deu luz e coragem para escolher e, principalmente, determinação para que todos que conhecia também pudessem sentir a mesma coragem, sabedoria e felicidade.

Letras, essa foi sua primeira escolha — pois acalentava o desejo de atuar voluntariamente na área da educação

Créditos das fotos: Mônica Kimura

Em mesa de debates, a enérgica Lúcia, conduz sua fala com altivez

dentro da BSGI. "A pessoa que me inspirou muito foi a professora Dirce Ivamoto, pioneira e fundadora da Coordenadoria Educacional da BSGI, por sua extraordinária tenacidade em levar os ideais da educação humanística Soka para a sociedade".

"A Sra. Dirce criou programas educacionais como o Curso de Alfabetização de Jovens e Adultos em 40 horas e o Projeto Makiguchi em Ação nas escolas da rede pública e a impressionante persistência em fundar a Escola Soka do Brasil, fato que ocorreu em 2001. O despertar da idealista já ocorrera e agora era só seguir a trilha escolhida", explica Lúcia.

Em 1999, vendo a necessidade dos companheiros da organização onde atuava e dialogando com os líderes, implantou o Polo Lapa de Alfabetização de Jovens e Adultos. Assumiu a coordenação desse projeto e pode contar com uma equipe dedicada e maravilhosa!

Nos primeiros quatro anos, vivenciou momentos de alegria e felicidade, vendo quanto seu trabalho voluntário contribuía para o impressionante empoderamento daquelas pessoas que buscavam o curso. Muitas continuaram no caminho chegando à universidade e à pós-graduação, tornando elas próprias monitoras no polo. "Isto não é maravilhoso!", exclama Lúcia.

A excelência de sua atuação a levou à liderança da Coordenadoria Educacional, em 2008. Embora não tivesse vivência como professora ou pedagoga, aceitou o grande desafio, pois vislumbrou ali extraordinária oportunidade. "Encontrei pessoas extremamente comprometidas dentro da coordenadoria, atuando com muita seriedade e sinceridade, sem poupar esforços, como voluntários plenos, com o profundo sentimento de divulgar os ideais da educação humanística Soka. Após compreender todos os programas desenvolvidos pela coordenadoria, buscamos juntos fortalecê-los e expandi-los cada vez mais", ressalta.

Desde o início da Coordenadoria Educacional milhares de pessoas foram alfabetizadas e, para que pudessem dar continuidade aos estudos, foi implantado posteriormente o fundamental II. O passo seguinte foi fortalecer o programa Academia Magia da Leitura, que combate efetivamente o analfabetismo funcional. E também havia o Programa Ação Educativa Makiguchi, cujo objetivo é oferecer ações práticas e educativas para revitalizar a educação nas escolas públicas de todo país. A base vem da metodologia pedagógica que utiliza a linguagem artística como ferramenta estimuladora da capacidade criativa. A partir da reflexão advinda da criatividade, paradigmas sobre o processo de aquisição de conhecimento são quebrados e reorganizados para melhor atender ao processo didático-pedagógico. Cerca de 450 escolas da rede pública de todo o país foram beneficiadas por esse programa. "Nossa maior alegria é receber os agradecimentos da direção dessas escolas, informando-nos sobre a grande transformação ocorrida!", exclama.

Todos os programas desenvolvidos na Coordenadoria Educacional têm embasamento na educação humanística Soka. Um novo departamento foi fundado em 2015, chamado Departamento de Orientação Humanista para Pais e Estudantes, com o objetivo de criar encontros dialógicos entre professores, pais e estudantes, buscando conhecimentos, recursos e soluções que fortalecessem seus papéis como agentes transformadores e promotores da paz. "Fico muito feliz e gratificada em ver o franco desenvolvimento desta coordenadoria e quanto seus programas têm contribuído para a criação de extraordinários valores humanos, tanto na organização quanto na sociedade!", enfatiza.

Na *Proposta de Paz* 2016 do presidente Ikeda consta:

> Mesmo um gesto aparentemente pequeno pode ter impacto significativo, talvez decisivo, para a pessoa a quem é oferecido. Em relação às críticas afirmando que é impossível salvar a todos, Mahatma Gandhi disse a seu neto:
> "Nessas ocasiões, a questão é saber se conseguimos tocar a vida de uma pessoa. Não podemos cuidar de milhares. Mas se tocarmos a vida de uma pessoa e a salvarmos, é grandiosa a mudança que conseguimos realizar".

Crédito da foto: Mônica Kimura

▲ Foi em Paris que Cintia conquistou a excelência com o doutorado

É com isso em mente que, com ações concretas e comprometidas, Lúcia pretende expandir os ideais da educação humanística Soka e trabalhar para cultivar um mundo mais solidário entre as pessoas, auxiliando-as a acreditar no seu infinito potencial para transformar as circunstâncias e se tornarem verdadeiramente felizes!

Cintia Okamura

As questões ambientais e sociais vieram à tona em sua vida desde a adolescência. Ela se lembra de um episódio marcante. Estava com 17 anos e decidiu entrevistar alguns moradores de rua na Avenida Paulista. Queria entender como aquelas pessoas haviam chegado a tal situação. Em outra ocasião, já estudante de ciências sociais, encontrava-se em viagem pelo nordeste brasileiro. Na época teve a oportunidade de participar de uma reunião comunitária numa vila de pescadores, na qual os moradores discutiam sobre a degradação ambiental local devido à especulação imobiliária e à expansão turística voraz que afetavam os moradores. Essas vivências a marcaram profundamente. A jovem Cintia se sentia inconformada e inquieta com essas e outras questões. Contudo, não tomava uma atitude comum à maioria das pessoas que se incomodam, mas nada fazem.

Foi assim que despertou para as questões ambientais e para fato de que o centro dessas questões é sempre o ser humano e sua terrível capacidade destrutiva. Ao mesmo tempo em que produz coisas incríveis, destrói com impressionante rapidez e eficiência. “A crise ambiental, declarada pela ONU (Organização das Nações Unidas) como a mais grave crise humanitária do planeta, é fruto do modelo de desenvolvimento adotado pelo ser humano. Porém, somente ele é capaz ou está em suas mãos a capacidade de reverter essa situação”, explica.

A partir da bagagem revolucionária da filosofia humanística do Budismo de Nichiren Daishonin, que considera o potencial de todos os seres humanos, independentemente de etnia, classe social e gênero, e baseada no princípio budista da “inseparabilidade da pessoa e seu ambiente” (*esho funi*), Cintia iniciou sua vida profissional em uma agência governamental responsável pelas questões ambientais.

Cursou ainda mestrado, onde se aprofundou nos conhecimentos sobre a relação pessoa-ambiente. Não contente, fez outro mestrado na área de psicologia ambiental pela Universidade de Paris e doutorado pela Universidade de São Paulo. Os estudos serviram para instrumentalizar suas ações técnicas e científicas que visam, principalmente, *re*incluir ou *re*ligar os seres humanos ao seu ambiente e assim construir novas formas de se fazer políticas públicas capazes de transformar a degradação ambiental e produzir um ambiente mais justo e sustentável.

Sua motivação surgiu da tomada de consciência. “Há que se fazer algo urgente para mudar o rumo dos acontecimentos, pois é consenso que a humanidade vive em um momento de crise. Crise no sentido de um estado de dúvidas e incertezas em relação a qual caminho seguir e em relação ao futuro”, coloca.

Para ela, hoje, está mais que claro que para mudar o rumo dos acontecimentos é essencial o engajamento de cada ser humano. Cada indivíduo é único e importante nessa construção. Planos, programas, projetos grandiosos são fundamentais e necessários, mas para a implementação destes a peça chave é o ser humano.

Cintia enfatiza que encontrou dentro da Soka Gakkai as condições ideais para disseminar projetos que trabalhem essas questões mais do que urgentes e necessárias, pois a base filosófica de sua atuação parte e termina com o ser humano. Acreditando no potencial de cada indivíduo,

Crédito da foto: Cintia Okamura (acervo pessoal)

▲ Vista aérea do Centro de Pesquisas e Estudos Ambientais

por meio da sua revolução interior que lhe proporciona empoderamento, os efeitos se irradiam ao exterior para transformar a realidade de todo seu entorno e além. "E tem sido assim minha atuação como profissional da área ambiental, como cidadã e como ser humano", conta com a modéstia de uma grande empreendedora social.

Um parêntese importante: a legislação ambiental brasileira dividiu o ambiente em meios físico, biótico e antrópico. Para os meios físico e biótico, temos instrumentos, métodos mais precisos, porque lidamos com dados objetivos. Para o meio antrópico, há o social, cultural, politico, econômico etc.; ou seja, tudo o que se refere ao ser humano, aos dados subjetivos; além disso, existe uma enorme distância e falta de precisão nesses instrumentos e métodos.

"Dessa forma, em minha vida profissional, tenho atuado no sentido de mudança de paradigma, construir instrumentos e métodos para o meio antrópico a fim de integrar o ser humano ao meio biofísico", ilustra.

Cintia atua com a elaboração, análise e acompanhamento de procedimentos e metodologia para o meio antrópico nos roteiros de licenciamento ambiental. Obteve uma grande conquista conseguindo introduzir como exigência os Planos de Comunicação e Participação Social e Programas de Educação Ambiental para alguns empreendimentos no licenciamento ambiental.

Vem coordenando processos participativos, buscando criar e fortalecer parcerias entre o poder público, iniciativa privada e sociedade civil para a construção de políticas públicas para o desenvolvimento sustentável. É uma agente essencial na área de risco ambiental, coordenando um projeto da Fapesp.

Na BSGI, atua na liderança do Departamento de Cientistas (Depac), um dos grupos da Coordenadoria Cultural. O departamento possui dois núcleos: ambiental/agentes ambientais e de cientistas/pesquisadores. Com seus integrantes, o Depac está desenvolvendo uma área de conhecimento chamada "ciência humanística" e, em consonância, o Núcleo Ambiental lançou o Movimento de Agentes Ambientais da BSGI, formado por pessoas comuns que acreditam no potencial de cada ser humano atuando como agente protagonista de uma mudança ambiental real em sua comunidade.

Outra ação realizada pelo Depac junto à BSGI é voltada para o Instituto Soka – Centro de Pesquisas e Estudos Ambientais do Amazonas – Cepeam.

O centro é muito significativo, pois está no coração do Amazonas, que tem forte simbologia e importância para o mundo.

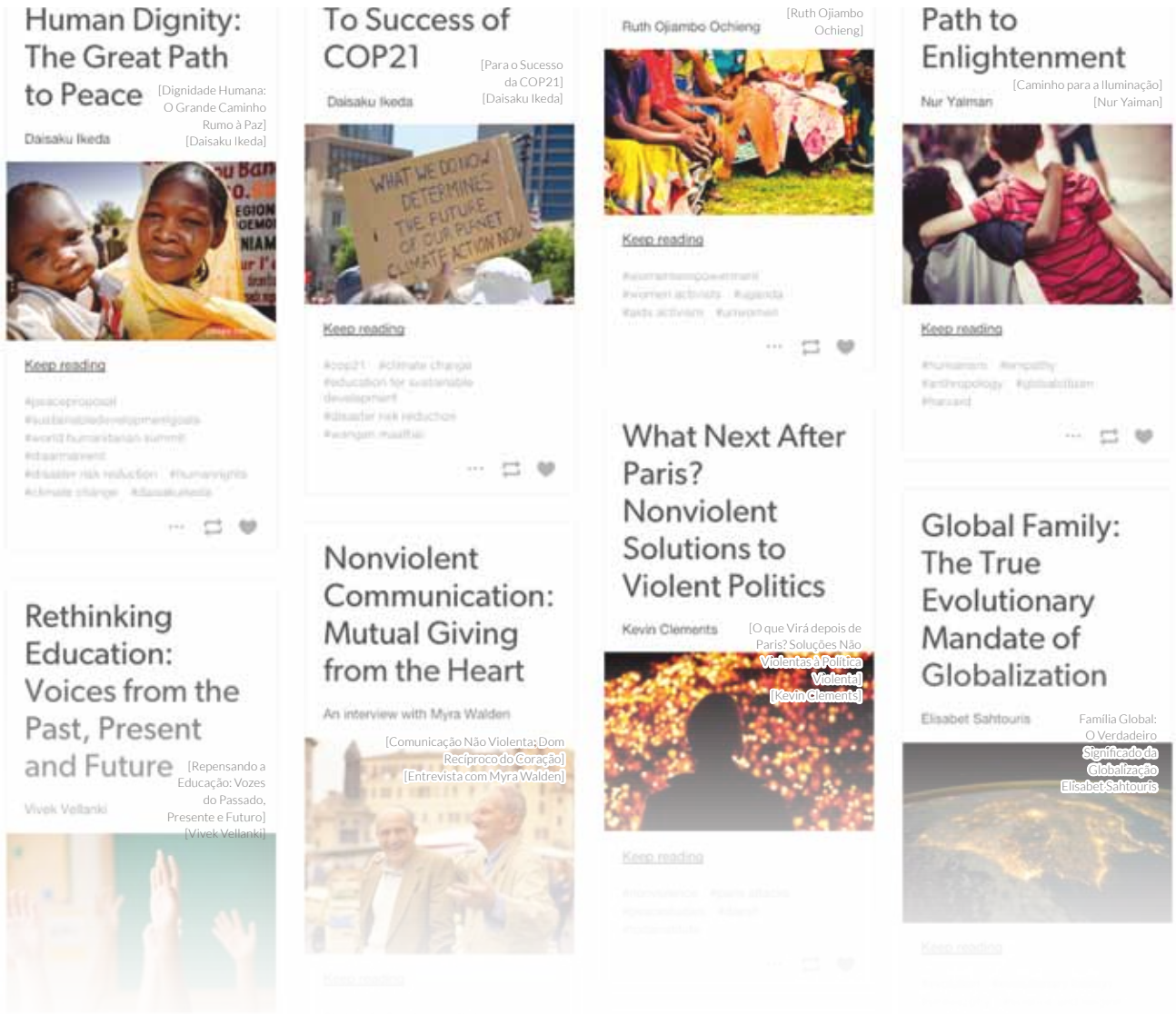
"Dessa forma, junto com o atual diretor-presidente, Akira Sato, tenho me empenhado para tornar o Instituto Soka – Cepeam um reconhecido centro de pesquisas científicas e projetos ambientais voltados para a promoção do bem comum e para a construção de um novo modelo de civilização pelo conhecimento e uso sustentável da biodiversidade e dos recursos naturais da Amazônia."

Os planos de Cintia são manter o foco nos programas de educação ambiental e participação, pois é essencial trabalhar a relação pessoa-ambiente, acreditando que cada ser humano é único e pode fazer a diferença. "É necessário que cada indivíduo, cada ser humano, deseje e conheça as possibilidades de contribuir com a construção de sociedades sustentáveis para que ele e os coletivos dos quais participa possam atuar nessa direção."

Outro foco do seu trabalho são as parcerias, agregando cientistas e pesquisadores, trazendo para o diálogo o poder público, a iniciativa privada e a sociedade civil, para que juntos possam engajar as pessoas na construção de um plano de ação efetivo para cada localidade e que produza impactos positivos para o mundo.

Seus planos para o futuro já estão delineados: continuar consolidando os projetos de pesquisa e as cooperações nacionais e internacionais em um campo interdisciplinar, criando um movimento crescente de pessoas que atuem para a sustentabilidade do planeta.

Crédito da foto: BSGI



Common Threads

Apresentamos ***Common Threads***, uma página Tumblr [em inglês] hospedada pela SGI, com o objetivo de gerar interesse em temas relacionados com o desenvolvimento de uma cultura de paz e de estimular uma rede crescente de cidadãos globais ativos na busca pela paz. O blog apresenta artigos escritos por uma variada gama de colaboradores, na esperança de proporcionar um espaço de diálogo sustentável e para explorar respostas criativas para um mundo em mudança.

Common Threads pode ser acessado via ***commonthreads.sgi.org***.

Convidamos você a participar da conversa, seguindo-nos no Tumblr e curtindo, reblogando e comentando nos posts. Se você estiver interessado em contribuir com um artigo ou recomendar um colaborador, favor contatar-nos em ***quarterly@sgi.org***.

Créditos das fotos: (a partir da esquerda) Jordi Boixareu CC BY-NC-ND; Fee Plumley CC BY; Becca Kumar CC BY-NC-ND; Lennart Tange CC BY-NC; NASA Earth Observatory CC BY; Bianca Dagheti CC BY-ND; Simon Watson/Getty Images; © Jose Luis Pelaes Inc/Getty Images

Crianças sírias refugiadas estudam em um assentamento de tendas no Líbano
© Lynsey Addario/Getty Images

A Soka Gakkai Internacional (SGI) é uma associação budista leiga, presente em 192 países e territórios, que promove a paz, a cultura e a educação com base no profundo respeito pela dignidade da vida e na filosofia humanística do Budismo de Nichiren Daishonin.

A partir de um entendimento mútuo dos laços inseparáveis entre a felicidade individual e a realização de um mundo pacífico, os membros da SGI se empenham para manifestar seu potencial inerente, ao mesmo tempo em que contribuem para a comunidade local e lidam com os problemas comuns que a humanidade enfrenta. Os esforços da associação para criar uma cultura de paz estão alicerçados num firme compromisso com o diálogo, a não violência e um senso de cidadania global, cultivados por meio da prática budista diária.

Como organização não governamental (ONG) filiada às Nações Unidas, a SGI também colabora com outras organizações da sociedade civil e com agências intergovernamentais nas áreas do desarmamento nuclear, dos direitos humanos, do desenvolvimento sustentável, dos assuntos humanitários e do diálogo inter-religioso.

No Brasil, a SGI se faz presente por meio da Associação Brasil SGI (BSGI), com sede em São Paulo e representações em diversas cidades brasileiras.

Soka Gakkai International
Budismo em ação pela paz

15-3 Samoncho, Shinjuku-ku
Tóquio 160-0017, Japão

Site da SGI: *www.sgi.org*
Site da *SGI Quarterly* (edição em inglês): *www.sgiquarterly.org*

A equipe editorial da SGI Quarterly (edição em português) recebe ideias e sugestões pelo site: *www.bsgi.org.br*